O PINTOR NA CASA DA COMÉDIA

UM CRÍTICO ESTUDIOSO E ARGUTO NÃO SABIA QUE PICASSO ESCREVERA PEÇAS DE TEATRO. O CASO ENTÃO SURPREENDEU-ME. TIVE, PORÉM, DEPOIS OCASIÃO DE VERIFICAR A FREQUÊNCIA DE TAIS IGNORÂNCIAS, FILHAS DE PRECONCEITOS QUE O HOMEM DO NOSSO TEMPO ABSORVE, POR ASSIM DIZER, NO AR QUE RESPIRA. TOMA-SE POR VERDADE CORRENTE QUE O PINTOR DEVE PINTAR, COMO O DRAMATURGO DEVE ESCREVER DRAMAS E COMÉDIAS. TODA A GENTE SE CURVA AO MÉRITO EFICAZ DO ESPECIALISTA E A TENDÊNCIA NATURAL PARA AS COMPARAÇÕES E SEMELHANÇAS LEVA A TRANSPORTAR PARA A ARTE O QUE PARECE NA VIDA SER NORMA.

E CONTUDO A ATRACÇÃO EXERCIDA PELO MUNDO CÉNICO NOS POETAS DA FORMA E DA COR É TÃO CONSTANTE QUE O DIFÍCIL, CREIO, SERIA DESIGNAR OS MESTRES DA PINTURA, ESCULTURA E ARQUITECTURA INDIFERENTES AO PRESTÍGIO DO PALCO.

É QUE O TEATRO CORRESPONDE, EM GEITO ADMIRÁVEL, AOS PROPÓSITOS DA IMAGINAÇÃO CRIADORA: FAZ SURGIR PALPÁVEL O INVENTO; MEDIANTE OS BASTIDORES OFERECE O INSTRUMENTAL FABULOSO DA NARRATIVA, O SEGREDO, A EXPECTATIVA, A APARIÇÃO; COM A MÁSCARA, QUE DESPERSONALIZA O COMEDIANTE, PERMITE ARRANCAR AO LIMBO AS PERSONAGENS, ANJOS, MONSTROS, TIPOS RACIONAIS E FANTOCHES BURLESCOS, QUE AO LONGO DOS MILÉNIOS TIVERAM O DOM DE RETRATAR A IMENSA PAIXÃO HUMANA. EM CENA O ACTOR É DEVERAS A «ESTÁTUA ANIMADA», OBEDIENTE AO ESPÍRITO, PRESA ÚNICAMENTE AO DESTINO; E, PARA ALÉM DO INDIVÍDUO-ACTOR, AINDA MENOS SUJEITO DO QUE ESTE AO CIRCUNSTANCIAL, TEM O AUTOR PERFEITAMENTE O DIREITO DE VISIONAR O «CORPO FALANTE», A COISA DESUMANIZADA, A QUE O SER HUMANO EMPRESTA A VOZ.

LINGUAGEM PROTEICA A DA CENA, NA QUAL, AINDA POR CIMA, A PALAVRA E O GESTO IMPRIMEM UMA VIRTUDE ESTRANHA DE PERCUSSÃO E TRANSFIGURAÇÃO.

CLARO QUE O ARTISTA, AO VOLTAR OS OLHOS PARA O TEATRO, OPTA : ESCOLHE, ENTRE AS POSSIBILIDADES LATENTES, AS QUE LHE CONVÊM. POR VEZES BASTAM-LHE AS CONDIÇÕES DO MONÓLOGO. OUTRAS VEZES QUER A ALEGORIA E O SÍMBOLO, QUANDO NÃO JULGA NECESSÁRIO O MERGULHO EM IMAGENS DE DESESPERO. ESTATISMO, DINAMISMO : SIMPLEZA, MULTIPLICIDADE... É SÓ CONCRETIZAR A IDEIA, ESTENDER A MÃO.

★ ★ ★

NA HORA GRATA DO JUBILEU, QUE A CASA DA COMÉDIA FESTEJA, RECORDO PEÇAS DE ALMADA LIDAS POR ELE E VÁRIAS OUTRAS (NÃO SEI SE AS CONTARIA PELOS DEDOS DAS MÃOS), NARRADAS EM PASSEIO, À MANEIRA DO AÉDO — PEÇAS A QUE O TEMPO NÃO TRAÇAVA LIMITES, NEM RECLAMAVAM LOCALIZAÇÃO NO ESPAÇO. FOCANDO ASSUNTOS DIVERSÍSSIMOS, IRMANAVA-AS EVIDENTEMENTE O ESTILO POÉTICO E TAMBÉM UMA SINGULAR EXIGÊNCIA E AGUDEZA DE SÍMBOLOS.

DA PEÇA QUE HOJE VAI SER APRESENTADA, «DESEJA-SE MULHER», ESPERO SE COMPREENDA QUE NÃO PERTENCE AO ENCENADOR COMENTÁ-LA FRENTE AO PÚBLICO E À CRÍTICA. APENAS DIREI QUE SEMPRE TIVE PRESENTE, AO SACAR FORA A LINHA DE ACÇÃO, O QUE A LONGA AMIZADE ME REVELOU DO ARTISTA. QUANTO AO ARRANJO CÉNICO PREFERI PECAR POR DISCRIÇÃO EXCESSIVA A DAR RELEVO A SITUAÇÕES DRAMÁTICAS POR MEIO DA ÊNFASE, INIMIGA DA OBRA, CUJA GRAFIA PROCUREI EM TODOS OS LANCES RESPEITAR.

PARA OS MEUS COLABORADORES, COMPANHEIROS NA VIAGEM AVENTUROSA, E CADA UM DILIGENTE NA TAREFA QUE ASSUMIU, O MEU SINCERO E COMOVIDO OBRIGADO.

Fernando Amado